



**CIÊNCIA E RELAÇÕES SOCIAIS: ESTARIA DE PONTA-CABEÇA A PRODUÇÃO
CIENTÍFICA ATUAL?**

José Rubens Mascarenhas de Almeida¹

*Nós damos forma a nossas ferramentas e
logo nossas ferramentas nos dão forma.*

Marshall Mac Luhan (1970)

INTRODUÇÃO

A abordagem proposta neste recorte da pesquisa apostano caráter instrumental da ciência (e de sua produção) quando desenvolvida na lógica capitalista, por pautar-se, essencialmente, na subsunção do trabalho ao capital, orientação fundamental de sua base material. Sob tal inclinação, a ciência (e sua produção, o conhecimento científico) encontra-se condicionada às diversas mediações sociais da formação à qual se circunscreve.

Partindo dessa premissa, é possível admitir a hipótese de que a ciência – e sua produção – não estão acima, mas inseridas, nas relações sociais mais gerais. Assim, a investigação proposta neste recorte pretende versar sobre o caráter instrumental atribuído à ciência em sua produção e uso na lógica do sistema capitalista, de forma que não se trata de uma anomalia (de uma produção de ponta-cabeça), senão no caráter contraditório de seu discurso ideológico (preconizador do caráter neutro da produção científica). Como não poderia ser diferente, a produção científica não está acima ou alheia à lógica do capital e ao mercado que lhe subjaz (como entende o discurso positivista da ciência pura), ao contrário, atuaativamente no processo de produção/reprodução capitalista.

Em sua conexão orgânica com a produção/reprodução do capital, a ciência acaba por configurar-se como importante elemento do atual processo de acumulação internacional de capitais, lógica que não poupa nenhuma outra esfera cotidiana das relações sociais, por não se encontrar alheia à coerência mais geral do sistema (ALMEIDA, 2013).

¹ Professor do Departamento de História da UESB; Pós-doutor pela Universidade Nacional Autónoma do México; Doutor em Ciências Sociais (política) pela PUCSP; Coordenador do Grupo de Estudos de Ideologia e Luta de Classes/UESB/CNPQ. E-mail: joserubensmascarenhas@yahoo.com.br.



Por tais conexões, as investigações científicas (e seu produto, a ciência) são levadas a produzir, em escala mundial, conhecimento transformado em força produtiva à disposição da acumulação planetária de capitais. Sua condição de subsunção ao capital submete a produção científica a reproduzir formas e práticas prototípicas do exercício de produção/reprodução capitalistas, refletindo mecanismos e procedimentos produtivos capitalistas. Uma vez nesta condição, o conhecimento científico potencializa a acumulação de capitais – acelerando sua rotação e aumentando a capacidade sistêmica de extração de mais-valia, controlando, assim, o valor da força de trabalho no mercado através do desemprego (MARX, 1983).

Nesse processo, agentes ávidos por lucratividade, os capitalistas moldaram tal produção na lógica de investimento de capitais, através das pesquisas científicas, já que concentram os recursos nas mãos de financistas ávidos por aumentar seus ganhos, levando a ciência a pautar sua produção não nas necessidades e demandas sociais, mas de forma que atenda à fome de lucros dos inversores. Esse processo põe nas mãos do capital a produção científica. Assim, do ponto de vista social da produção material, sob as relações capitalistas, a apropriação do conhecimento científico – atual base do desenvolvimento econômico – acaba por reproduzir as estruturas acumulativas concentradoras de riqueza, o que implica poder. Por sua vez, as desigualdades sociais levam a uma produção de conhecimento também desigual, reproduzindo, dialeticamente, as estruturas e relações sociais (entre pessoas, entre classes sociais, entre povos e países), promovendo a ascensão econômica de uma classe sobre outra, assim como de estados sobre outros. É nesse sentido que Ceceña (2004, p. 114) entende a condição de dominação planetária dos Estados Unidos, como fruto de sua capacidade de ação nos setores essenciais da reprodução global, indo desde a produção de mercadorias até a dos próprios instrumentos de dominação direta, culturais e militares.

Concordando com Antunes (2002, p. 11), não se trata de dizer que a teoria do valor-trabalho não reconhece o papel crescente da ciência e de seu fazer, mas que ela se encontra tolhida pela base material das relações capital/trabalho. Insuperável sob as relações capitalistas, essa condição, impele sua expansão para o incremento da produção de valores de troca, impedindo o salto qualitativo societal para uma sociedade produtora de bens úteis. Essa limitação de sua base material impede a ciência de converter-se numa força produtiva autônoma e independente.

DOS OBJETIVOS



O objetivo da investigação proposta é recuperar elementos sócios históricos que possibilitem esboçar uma compreensão para além das aparências, do fenomenológico, do processo de produção científica no atual estágio de desenvolvimento capitalista, problematizando as consequências do relacionamento intrínseco entre as relações sociais de produção e a produção científica como um todo. E outras palavras, o objetivo geral desta pesquisa pauta-se tentativa de desvelar a simbiótica relação entre a acumulação internacional de capitais e a produção científica (e seu produto, a ciência) como reprodutora das relações dominantes.

MÉTODO, METODOLOGIA E PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Do método

Levando-se em conta que o contorno do recorte aqui apresentado tem como fundo a lógica própria do sistema capitalista em sua fase atual de desenvolvimento, pretende-se dar continuidade ao método geral apropriado a essa pesquisa guarda-chuva que lhe permitiu decompor, que trata da produção de conhecimento contemporânea sob o capitalismo. Desta forma, entende-se que o método materialista histórico e dialético responde, apropriadamente, à problemática, permitindo a conexão entre as categorias centrais da dialética numa visão histórica do fenômeno em questão. Nesse sentido, crê-se que as categorias analíticas da **totalidade** (que entende a particularidade como parte do conteúdo universal), da **contradição** e do **movimento** abrem perspectivas para uma aproximação à essência dos elementos constitutivos do fenômeno, assim como de sua dinâmica e interconexão entre o particular e o geral, pois, ao se analisar o fenômeno sociocientífico separado de sua totalidade, não se percebe sua essência, assim como seu alcance e instrumentalização.

Tal escolha metodológica leva ao entendimento da lógica sistêmica do capital como transformadora de todas as relações sociais à sua imagem e semelhança, sentido que implica pensar a produção científica – e sua apropriação – como peculiar à coerência própria do sistema (contradição pautada, essencialmente, na subsunção do trabalho ao



capital), cuja racionalidade leva à acumulação planetária de capitais.

Sabedores de que o mundo em que vivemos é pautado por contradições sociais refletidas de diversas formas e conteúdo, o enfoque aqui encetado compreende o campo da produção do conhecimento científico como não isento do orbe de luta entre interesses contrários e paradoxais, o que torna trivial o uso e abusos do conhecimento científico como de produção social, privadamente apropriados.

Da metodologia e procedimentos

Os procedimentos metodológicos aqui ensejados apresenta uma abordagem qualitativa para elucidar os determinantes sociais das relações de produção atinentes à atividade científica enquanto empresa capitalista de forma a amplificar sua assimilação ideológica. Nesse sentido, pensa-se fazer uma revisita a produções bibliográficas a respeito da problemática (leituras de reconhecimento, exploratória, reflexiva, interpretativa de bancos de dados atuais e de períodos pertinentes; recorrência a análises produzidas por clássicos e contemporâneos acerca do tema e da conjuntura política e econômica, com o fito de mostrar a pertinência da produção científica, da ciência no âmbito das relações sociais. Além desses procedimentos metodológicos, ainda se pretende levantar fontes e dados acerca do objeto; revisitara literatura vinculada ao tema da produção de conhecimento; mapear os elementos centrais que se inter-relacionam com o objeto; qualificar a produção de ciência no domínio da relação capital/trabalho; analisar a produção de conhecimento científico sob a lógica do capital; decompor a relação dos elementos constitutivos do que fazer científico no processo de acumulação internacional; levantar os pontos de encontro/rupturas na produção/reprodução do conhecimento e sua relação com os processos produtivo/reprodutivos do capital, a nível global.

Para se atingir tal objetivo, necessário se faz responder a questões cruciais, a saber:

Há, realmente, uma relação simbiótica entre as forças sociais vigentes e a produção científica e a ciência em si? Que vínculos inter-relacionam produção/reprodução capitalistas e a produção do conhecimento científico na atual sociedade? Ou, como a lógica acumulativa de capital afeta a produção científica? Que princípios regem a produção/reprodução do conhecimento no contexto de condicionamento das estruturas de produção/reprodução sociais, marcada por rituais reprodutivos



do modo de organização e apropriação da produção social? O papel da produção científica contemporânea circunscreve-se apenas à reprodução das assimetrias sociais capitalistas ou pode ser revolucionado?

DOS RESULTADOS

A pesquisa encontra-se em estágio de projeto, o que nos inviabiliza apresentar resultados, ainda que preliminares. Neste sentido, tecemos, antecipadas e dissolvidas no texto, hipóteses que, julgamos, nos guiarão na investigação e, sendo reafirmadas no decorrer da pesquisa, poderão indicar resultados esperados do processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode crer que a produção científica esteja fora das relações sociais dominantes ou que estando simbioticamente ligadas, o caos que se estabelece sob as relações capitalistas e suas crises não constituem fenômenos intrínsecos à essência capitalista, e que, pelo que apresenta, o mundo estaria de ponta-cabeça. Apesar de se verem associadas, as relações sociais e a produção científica e seu produto, não se crê que o fazer científico esteja totalmente submerso à lógica dominadora destas relações. Pensar assim implica esquecer a condição dialética desse fazer. Pelo contrário, o que se vê nessa relação simbiótica, assim como no âmago da crise do capital no século XXI é fruto, consequência própria da lógica acumulativa de capitais no mundo contemporâneo, de suas relações e da luta das forças sociais, cujos interesses contraditórios permeiam o sistema. As forças do capital são dominantes, mas seus interesses sofrem reveses dos contrários, pela luta intestina existente no seio da sociedade. Assim, não se pode abdicar das possibilidades de superação, sob o risco de negar a dialética.

Palavras-chave: Ciência. Relações Sociais. Produção científica. Produção/Reprodução capitalista.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. La cultura del quehacer científico centrado em la acumulación capitalista debe ser combatida”. “**ConCIENCIA**” – Revista semestral de divulgación científica. Santa Fe, Argentina. Ano 18, num. 22, dezembro de 2013.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. 8ª edição. São Paulo: Editora da Unicamp/Cortez, 2002.

CECEÑA, Ana Esther. Estados Unidos: reposicionamento hegemônico para o século XXI. In: MARTINS, Carlos Eduardo et. al. (orgs.). **Globalização: dimensões e alternativas**. Rio de Janeiro: Loyola, 2004.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Vol. II, Livro Segundo. Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.